



DESCOLONIZAR IDENTIDADES LATINAS: para um descomparar nas identilasticidades com anseio ético

DECOLONIZING LATIN IDENTITIES: towards a mismatch in ethical identities

DESCOLONIZAR LAS IDENTIDADES LATINAS: hacia un desajuste en las identilasticidades con inquietud ética

Carlos Igor de Oliveira Jitsumori¹

RESUMO: O presente texto abre caminhos para pensar, refletir e, principalmente, problematizar a identidade a partir de uma leitura comparada de Stuart Hall e o conceito de identilasticidade cunhado no curso de pós-doutorado. Por meio do lastro teórico da descolonização e estudos fronteiriços um outro modo de pensar as identidades, que não se resumem a uma questão de fluidez, mudanças e negociações, mas além disso, que evoca um pensar sobre a necessidade ética de entender que o outro faz um apelo às minhas identidades para que elas não se anulem. E nesse processo de construção e ressignificações de identidades, o “eu” não se rompe, não se perde, não se rarefaz, mas se constitui com as suas “velhas” e “novas” identidades que exige uma acolhida no próprio “eu – identilasticidades” que não se perde nas negociações frente ao outro, que reclama a ética do rosto, segundo Emmanuel Lévinas. Nesta saga arriscada é que o objetivo deste texto, que atrevo dizer ser mero rascunho, versa explorar as identidades nas fronteiras latinas, assim como, desteorizar e descolonizar o fazer/pensar latinos de um pensamento eurocêntrico, não o execrando, mas numa proposta literária, fazer de um outro modo uma literatura que desaparece latinos do

¹ Carlos Igor de Oliveira Jitsumori é Doutor em Educação (UFMS) e Pós-doutor em Estudos de Linguagens (UFMS). Professor e editor-assistente da Revista Camalotes RECAM na Faculdade Insted. Membro do NECC – Núcleo de Estudo Culturais Comparados (UFMS). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4050-6239>. E-mail: onixs21@yahoo.com.br.

estreito-frágil centralizador eurocentrista. E, assim, desfolhar numa via de identilasticidades como uma literatura possível para com-parar os latinos num olhar de si, para si. O referencial teórico se calca nos estudos de textos e obras de pensadores, como: Edgar César Nolasco, Stuart Hall e Walter D. Mignolo.

Palavras-chave: Identilasticidades, Identidades comparadas, Ética.

ABSTRACT: This text opens up ways of thinking, reflecting and, above all, problematizing identity based on a comparative reading of Stuart Hall and the concept of identilasticity coined during the post-doctoral course. Through the theoretical framework of decolonization and border studies, another way of thinking about identities, which are not just a question of fluidity, change and negotiation, but which also evoke thinking about the ethical need to understand that the other makes an appeal to my identities so that they don't cancel each other out. And in this process of constructing and re-signifying identities, the "I" is not broken, it is not lost, it is not rarefied, but it is constituted with its "old" and "new" identities, which demands a welcome in the "I - identilasticities" itself, which is not lost in negotiations with the other, which demands the ethics of the face, according to Emmanuel Lévinas. In this risky saga, the aim of this text, which I dare say is a mere draft, is to explore identities on Latin borders, as well as to dehistoricize and decolonize Latin making/thinking from Eurocentric thinking, not by execrating it, but in a literary proposal, to make a different kind of literature that separates Latinos from the narrow-fragile Eurocentric centralizer. And in this way, to unravel a path of identilasticities as a possible literature to compare Latinos in a look from themselves, to themselves. The theoretical framework is based on studies of texts and works by thinkers such as Edgar César Nolasco, Stuart Hall and Walter D. Mignolo.

Keywords: Identilasticities, Comparative identities, Ethics.

RESUMEN: Este texto abre formas de pensar, reflexionar y, sobre todo, problematizar la identidad a partir de una lectura comparada de Stuart Hall y del concepto de identilasticidad acuñado durante el postdoctorado. A través del marco teórico de la descolonización y los estudios fronterizos, otra forma de pensar las identidades, que no son sólo una cuestión de fluidez, cambio y negociación, sino que también evocan la reflexión sobre la necesidad ética de entender que el otro apela a mis identidades para que no se anulen mutuamente. Y en este proceso de construcción y resignificación de identidades, el "yo" no se rompe, no se pierde, no se adelgaza, sino que se constituye con sus "viejas" y "nuevas" identidades, lo que exige una acogida en el propio "yo - identilasticidades", que no se pierda en las negociaciones con el otro, lo que exige la ética del rostro, según Emmanuel Lévinas. En esta arriesgada saga, el objetivo de este texto, que me atrevo a decir que es un mero borrador, es explorar las identidades en las fronteras latinas, así como deshistorizar y descolonizar el hacer/pensar latino del pensamiento eurocéntrico, no execrándolo, sino en una propuesta literaria, hacer una literatura diferente que separe a los latinos del estrecho-frágil centralizador eurocéntrico. Y de esta manera, desentrañar un camino de identidades como literatura posible para comparar a los latinos en una mirada desde sí mismos, hacia sí mismos. El marco teórico se basa en estudios de textos y obras de pensadores como Edgar César Nolasco, Stuart Hall y Walter D. Mignolo.

Palabras clave: Identilasticidades, Identidades comparadas, Ética.

DESCOLONIZAR IDENTIDADES LATINAS: um modo de comparar

A literatura não é uma fala que se situa no horizonte da língua. É uma fala na qual a língua inteira é posta em risco.

FOUCAULT. *As Palavras e as Coisas*, p. 141.

A língua é o refugio do pensamento que não se estreita e nem se refina num instrumento que o visa moldar por meio de tentativas fustigantes e fatigantes. Todavia, é na língua que ainda nos humanizamos e nos faz amar, sentir, viver, afagar-se das dores da vida por meio de um brandar que se deita sem acolchoados, do qual posso chamar de literatura. A literatura rateia a língua com voracidade e a chicoteia quando a mordança lhe tentar asfixiar o grito entontecedor de se descomparar do lamaçal da língua. É nesse horizonte da língua, onde a palavra se desacomoda é que a identidade se percebe como posta em vida.

Descomparar a identidade é propender uma guinada para a descolonialidade numa outra forma e modo de pensar as identidades nas latinidades. A discussão sobre identidade na perspectiva de Stuart Hall revela a complexidade e a dinamicidade desse conceito em contextos culturais diversos. Hall (2003), um dos principais teóricos da cultura contemporânea, argumenta que a identidade não é uma essência fixa, mas um processo em constante construção, influenciado por fatores históricos, sociais e culturais. Em seu trabalho “A identidade cultural na pós-modernidade”, Hall afirma que “As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera.” (Hall, 2003, p. 43).

Essa visão desafia a noção tradicional de identidade como algo estável e imutável. Por outro lado, entendo que essa discussão ao abordar a identidade sob uma perspectiva mais contemporânea e específica, as identidades são moldadas por narrativas e representações culturais, que são formadas e refeitas através da interação com outras identidades que se fazem por outras narrativas que as afetam (Jitsumori, 2021). Essa interação é crucial para entender como indivíduos e grupos se posicionam em relação a questões de pertencimento e diferença.

Hall, ao discutir a diáspora e a hibridização cultural, sugere que “A identidade se torna uma ‘celebração móvel’: formada e transformada

continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam “(Hall, 2006, p. 12-3). Nessa ótica a priori posso entender que a ideia fixa sobre a vida parece ter tocado profundamente o fazer dos latinos. De modo crucial se deixou fazer por um outro olhar e rosto que o ditava o que deveria ser copiado e reproduzido enquanto prática obrigatória de um fazer. No entanto, as narrativas em terras latinas foram se reverberando e se articulando num modo desganhado do que se esperava. De colônia culturalmente estabelecida, para um país que a multiplicidade não lhe deu homogeneidade.

Em outro momento lanço a discussão (JITSUMORI, 2022) que as identidades são mecanismos de operatividades e que elas não dormem e, tampouco, descansam. As identidades estão fixas na memória coletiva como algo que precisa ser idolatrado e reverenciado como ponto único, quase exclusivo de referência para se alimentar uma vida e identidade. É nessa ferida que enxergo uma fissura, que embora dolorida, é nela que observo o arranjo de um outro fazer na descolonialidade. A alteridade, levinasiana (1991) nos lança para um infinito que não se permite reduzir e nem se amoldar numa lógica que signifique algo para o outro. Mas que no outro possa haver encontro ético.

34

A identidade não é um arrimo que finca uma subjetividade, mas é um passo para revisar-se. Se antes o “eu” se encontrava numa identidade, isso com o vendaval da globalização, fez com que os saberes identitários chacoalhassem suas poeiras históricas. E nos fizesse perceber que não há uma identidade cabal, mas que diante do outro há um algo que me faz apelo a retomar a mim mesmo e acolher esse ser do outro.

Esse outro que se apresenta diante do “eu” faz borbulhar todas as nossas características e simbologias. Lança-nos a uma dimensão que “O rosto é a expressão da infinita responsabilidade” (LÉVINAS, 1961, p. 214) e isso desagrega toda e qualquer finalização do indivíduo. É neste ínterim que insiro a lógica comparada de uma identidade, nas identilasticidades. As diversas expressões infinitas que o “meu” rosto pode alçar em múltiplas alteridades é que a identilasticidades se fazem e refazem.

O ROSTO COMO UMA POSSIBILIDADE ÉTICA para a identilasticidade

O rosto, na visão de Lévinas (1961) é um convite à ética, pois ele reclama uma mudança de comportamento e conduta. Não se estagia e, tampouco, se fixa numa leitura pronta e definitiva do outro-identidade. Entendo outro-identidade como a tentativa que os sujeitos têm de fixar uma leitura sobre a identidade e sobre o outro. Da mesma forma que o outro é um infinito de leituras e conclames, a identidade é esse espaço de possibilidades de viver a ética, pois o que permanece de um acessório cultural são identilasticidades,

[...] que embora sejam simbologias, elementos e signos que permanecem, não se reenquadram e nem simbolizam o passado com as mesmas lógicas. O presente, embora marcado por elementos fundamentais, precisam ser entendidos como meios para potencializar o sujeito, ser um momento de elastidentidade, a fim de lançar o “eu” num além de possibilidades e experiências, mas que ao retornar para um “si, não seja acusado de não incorporar um modo de ser [...] (JITSUMORI; NOLASCO,2022, p. 40).

Numa literatura comparada, ao abordar a identidade através das lentes de Stuart Hall e na perspectiva que me atrevo a pensar nas identilasticidades, é que se evidencia a necessidade de uma compreensão mais nuançada e dinâmica desse conceito. A identidade, longe de ser um atributo fixo, é um fenômeno cultural em constante transformação, influenciado por interações sociais e narrativas culturais. Essa perspectiva não apenas enriquece o campo dos estudos culturais, mas também oferece um quadro teórico robusto para analisar as identidades contemporâneas em um mundo interconectado.

35

No prisma de Stuart Hall (2003) a identidade não é um dado fixo, mas sim um processo contínuo de construção. Ele argumenta que as identidades são moldadas por experiências históricas e sociais, especialmente em contextos de diáspora, onde os indivíduos se veem obrigados a negociar suas identidades em ambientes culturais diversos e frequentemente hostis.

Hall ainda destaca que, na diáspora, as identidades tornam-se múltiplas e fluidas, desafiando a noção de uma identidade singular e estática. O que entendo e arrobo o entendimento de uma identilasticidade que não permite que o “eu” após estagiar na morada do ser do outro, Lévinas (1982) volte para o seu “si” do mesmo modo que foi, é necessário voltar de um outro modo. Esse “si” ainda é repouso para o “eu”, mas a instabilidade desse “si” chamo de elastidentidade.

A elastidentiade, compreendo, como aquilo

[...] que no tempo infinito sofre inúmeras intervenções, rupturas e oscilações. Que, em momentos outros, retornam as suas identidades como sendo moradas, de formas repensadas, recolocadas, modificadas, mas ainda assim, aquilo a qual se entende como identidade que me define em meio a tudo isso que não é mais o mesmo. As identidades ao serem elásticas têm sempre um centro de forças que as atrai, mas ao mesmo tempo podem ser impulsionadas pelo desejo do outro. (JITSUMORI; NOLASCO, 2022, p. 38).

É na elastidentidade que a alteridade acontece, que o outro se choca na minha suposta identidade única exclusiva, finalizada. É nesse instante que o “eu” se dá conta que não se perde e nem se esgota numa leitura do outro, mas é o outro que “me” lança para reencontros múltiplos em si mesmo. Assim, compreendo que o rosto é uma forma de exigência para que o “eu” não se fecha num conceito do outro, ou em seus discursos outros. Porque historicamente o outro foi enxergado e parece que feito para nos finalizar e pôr fim no “eu”. E, assim, passamos a apelar para uma zona de conforto denominada de identidade cabalística. É muito diferente disso. Não há reconhecimento que dê conta de colocar um ponto final.

O outro não pode versar sobre o “meu” fim, mas muito além disso, o outro é o que vai me incomodar para enxergar que o meu ser se move numa elastidentidade de proliferação dos meus diversos “eus”. Essa ideia de tensões e conflitos que a elastidentidade nos insere não anula o sujeito, a sua cultura, a sua comunidade, a sua ancestralidade, o seu pertencimento. Não é a isso que lanço a ideia de elastidentidade. O que provoço nessa guisada comparada e descolonial é que não se pode anular o que o outro representa nesse processo de construção do “eu”.

As relações com o outro são inevitáveis. Compreendo que o “[...] discurso de identidade geocultural reside no fato de que preencheu um espaço que se rompeu no processo da conquista e da colonização.” (MIGNOLO, 2020, p. 181), o que ainda somaria a ideia de que ressoa a identidade como uma forma de dar resposta ao colonialismo de que nós latinos sabemos e podemos ter uma identidade. Assim como fomos educados a pensar, como ainda muitos pensam que há uma identidade norte-americana, portuguesa, inglesa etc. E isso parece arrearçar nossas estruturas colonialistas, porque é como se não tivéssemos nenhuma identidade.

É exatamente nesse ranger de dentes descolonial que precisamos entrevê que a colonialidade é que exige de um “eu” uma identificação exclusiva. Como se fora disso não pudéssemos falar nada de si para o outro, que ainda se apresenta

colono. Mas, digamos de passagem poética, essa justificativa que buscamos dar por uma identidade que nos descreva e identifique o “eu”, ainda é um agir colonialista.

Desse modo, que a elastidentidade põe em conflito o “eu” e faz reagir num olhar que estranhe a presença de exclusividade de um outro que me afronta. Mais do que isso, o outro pode representar tudo isso, mas também, numa empreitada levinasiana (1982) o outro também é uma possibilidade para o “eu” se fazer. Da mesma forma que o outro me reclama e apela horrores, também é com o outro que reclamo e me faço ética. O outro respinga em mim as suas violências, dores, desesperos e tristezas. Outrossim, é esse mesmo outro que na elastidentidade me lança em situações múltiplas de olhares sobre si. A identidade, na visão de Hall (2003) deve ser entendida como uma “produção” que ocorre dentro de um quadro de representação cultural, e não como um fato pré-existente. Ele discute a relação entre identidade e multiculturalismo, enfatizando que, embora o multiculturalismo seja um conceito amplamente utilizado, ele não é capaz de capturar completamente as complexidades das identidades contemporâneas. A sua análise sugere que a identidade é sempre uma construção social, influenciada por fatores como raça, etnia e as dinâmicas de poder que permeiam a sociedade.

37

É essa dinâmica que atravessa a sociedade que percebo a necessidade de encontrar Lévinas como um abrir horizontes literários, para compreender que as identidades são atravessadas e manchadas por eventos éticos e de exigências éticas. As identilasticidades são relações permanentes de poder que emergem de situações e provocativas do rosto. O rosto, segundo Lévinas (1961), não é um fenômeno físico e fotografável, o rosto é esse apelo a não ser figurado e delimitado num retrato. Mas é um não esgotar e sintetizar.

Assim, compreendo que as identilasticidades colaboram para esse entendimento de que as identidades não são fixas, não se sintetizam, não são homogêneas, mas se desconstroem em todas as dinâmicas sociais as quais estão postas. A cada relação e rosto com que se barra, volta de modo distinto e já em agonia para estar sobre o olhar de um rosto que exige do “eu” uma reavaliação permanente.

Por outro lado, Walter Mignolo (2020), critica a forma como as narrativas globais frequentemente marginalizam as histórias locais, propondo que a identidade deve ser entendida como um fenômeno que emerge do contexto local, em vez de ser imposta por narrativas globais dominantes. O que já entrevejo nisso

uma possibilidade de elastidentidade, em que aquilo que é imposto não reside no confronto e, por isso mesmo, se perde com muito mais facilidade. Posto que, a elastidentidade expurga de modo ríspido tudo aquilo que vem por poder da violência.

Para Mignolo (2020), a identidade é intrinsecamente ligada ao espaço e à história, e deve ser reconhecida como uma construção que resiste às imposições do colonialismo e da globalização. A importância de reconhecer as vozes e experiências locais na construção da identidade, argumentando que isso é essencial para desafiar as narrativas hegemônicas que frequentemente ignoram a diversidade cultural. Ele sugere que a verdadeira identidade é aquela que se afirma a partir de um lugar de resistência, em que as culturas locais podem se afirmar contra as pressões globalizadoras.

Numa lógica comparativa, a identidade é um instante de negociações ante os conflitos postos nos jogos e ventanias globalizantes. Possivelmente, isso é uma necessidade política de entendimentos de jogos necessários para se estabelecer políticas de resistências e afirmações de grupos. Não obstante a isso, nas diferenças que fomos seduzidos a viver e nos perceber é que

[...] diferença colonial é o espaço onde as histórias locais que estão inventando e implementando os projetos globais encontram aquelas histórias locais que os recebem; é o espaço onde os projetos globais são forçados a adaptar-se, integrar-se ou onde são adotados, rejeitados ou ignorados. (MIGNOLO, 2020, p. 10).

A alteridade, ou a experiência do outro como absolutamente diferente, é central na filosofia de Lévinas. Ele argumenta que o rosto do outro é um convite ético que nos chama a uma responsabilidade infinita. O rosto representa a presença do outro que nos interpela e nos exige uma resposta ética. Essa relação face a face é fundamental para a construção de uma ética que respeita a singularidade do outro. A alteridade vai sempre exigir um pouco mais do “eu”. De um “eu” que não pode inserir régua para um existir do outro.

Se o rosto é um apelo à ética, a identilasticidade é um convite desconfortável que impõe ao outro e a si um questionamento constante de não “me” inserir num reducionismo existencial e, tampouco, restringir o outro numa simbologia que se pretenda final e cabal. É nesse bojo que as veias latinas precisam ganhar opulência na descolonialidade.

É nisso que entendo de modo desconsolador que é lancinante o grito midiático sustentado e avolumado por indivíduos que ainda conjectura que

devemos prezar que certos grupos étnicos e culturais precisam ser e ter exclusividade num modo de ser presença e marcar presença na história, na sociedade e nas culturas. Em nenhum momento busco descaracterizar fundamentos de grupos étnicos e de identidades históricas. O que não sustento e que angustia de modo desolador é que sujeitos contemporâneos são apegados a certas vestimentas tidas como tradicionais, como se elas pudessem ser a alma do existir de um grupo e, assim, fora de certas vestimentas e instrumentos que sejam, não pudessem mais se encontrar enquanto povo, nação, sociedade e etnia. Isso é insustentável.

Assinto que as “Tradições que parecem ou alegam ser antigas são muitas vezes de origem bastante recente e algumas vezes inventadas [...]” (HALL, 2006, p. 54), o que testifica que além de tradições, costumes, hábitos e fazeres no geral que se sustentam por acessórios e instrumentos que ornaram o existir e fazer do ser, são acontecimentos atravessados por inúmeras práticas e eventos que significam e ganham corpo ao longo das trocas simbólicas que são constituídas por múltiplos fios de significância e marcas no corpo do sujeito e de uma comunidade.

Isso invoca o olhar de desconfiança para aquilo que muitas vezes negam e colocam em confronto indivíduos, quando deveriam ser atraídos pelo rosto levinasiano. Mas ao invés de alteridade com esse outro, é a violência, a anulação, a rejeição e destruição do outro que é posta. E são ações de violências que se dão sem ao menos ter um sentido único e sustentável para tal. O fato é que a identilasticidade confere essa relação de alteridade e de aceitação do ser do outro numa lógica necessária e essencial de responsabilidade. Porque o outro exige um agir responsável para como o outro.

Apropriar-se de uma outra cultura seria algo muito estranho e inteligível a uma guisada ética. Primeiro porque a cultura é infinita que não se margeia e, tampouco, é tangível. Posto que, tudo o que se enxerga da outra cultura, etnia, grupos etc., são aparências frágeis e não duráveis. Nem mesmo o discurso que sustentou uma luta em dado momento histórico, hoje faz tanto sentido. Até porque, as fragilidades das relações líquida, como afirma Bauman (2011) não nos dá esse tempo de permanência. Além disso, a parte material de uma cultura é um quadro que se desenha em cada espaço e tempo, imprimindo a tela do existir na sua dinamicidade frequente e frenética.

A identilasticidade é isso, um não moldável que se pinta e re-pinta constantemente. E, assim, é produção no infinito, na alteridade que espirala o

sujeito a ter que compreender que o outro está num vórtice que o lança e choca ao usufruto do que lhe atravessa e respinga. A indentilasticidade é uma forma de pensar que tudo aquilo que foi vivenciado pelo “eu” é marcado no corpo e no modo de interpretar e sentir a vida. A experiência ocorre nas alteridades infinitas de significados e volta para um centro confuso do “eu” de modo outro já diferente e, sendo “isto” e “aquilo”, ou, “istos” e “aquilos”. A indentilasticidade se deleita nas condições que a elastidentidade vai apresentando ao “eu”.

Os eventos alhures e desconfortáveis se tornou caminho ético, porque o eu-indentilasticidade precisa encontrar em si um centro de apoio que o faz compreender que o sustento de sua cultura, existência, ser em grupos e comunidades não é uma matéria palpável, mas significados que o “eu” vai estabelecendo enquanto tratados de éticas com o grupo, amarrações sentidas para um corpo ser operante e marcante no grupo. Assim, a indentilasticidade é uma possibilidade de romper com o essencialismo identitário e transigir, predicar ao “eu” que suas experiências éticas foram os únicos eventos que fundamentaram uma experiência e permanência de grupo étnico.

Nesse óbice contemporâneo, “[...] o que precedeu à colonização não foi ‘uma única nação, um único povo’, mas muitas culturas e sociedades tribais diferentes”. (HALL, 2006, p. 55). Isso sustenta a ideia de que nenhuma cultura se auto fez, que nenhuma tribo e etnia se autoformou isoladamente, sempre foi na relação de indentilasticidade, ora um elemento atravessava “minha” forma de ver e de como “me” comportar e se vestir, ora outras relações rasgavam um modo de ser que era permanência há décadas, mas sempre estavam em elastidentidade, num vórtice infinito de rostos múltiplos que envolviam os milhares de sujeitos existentes no mundo. Isso me dá a anuência de que a indentilasticidade é uma proposta de resgatar a ética como possibilidade de interculturalidade.

É uma proposta de buscar fissuras outras para além de um pode ou não pode usar isto ou aquilo, mas de compreensão que as proibições, sentenças e guetização de produtos materiais da cultura não dará a sociedade uma relação de humanidade e ética. A elastidentidade insere o indivíduo numa relação de poder que o faz sentir que o chamamento contemporâneo é de ética e não de afronta.

Até porque, os que assim operam estão se descolando não só do seu grupo, comunidade e etnia, mas de toda a sociedade. Já não a lugar no mundo para sujeitos que não operam na dinamicidade da elastidentidade. Ela é o que abre a fenda e rasga a cortina que impacta o “eu” de ir ao outro. O contexto mundial é de

elastidentidade, de ir ao encontro do outro e fazer com que suas roupagens existenciais sejam lançadas no assombro infinito que é o outro. O outro é desconfortável por si só, porque o outro, como afirma Lévinas (1961) é tudo aquilo que me espanta, que me surpreende, que me coloca em estado de perplexidade e, por isso, nunca de redução e anulação. O outro irá sempre fascinar o “eu” e representar essa elastidentidade que é espanto.

É a estuporação que o outro se apresenta a mim que invoca a minha responsabilidade do ser ético, porque não posso enclausurar e esgotar esse outro. Do mesmo modo que não posso despir o outro de sua cultura somente por utilizar um objeto e instrumento cultural, pois o outro assombra culturalmente o meu existir cultural. O rosto do outro maravilha e colori sua cultura e suas identilasticidades de maneira a escapar a minha dominância.

Pode o outro não ser ético e triturar a minha suposta cultura, mas nunca se apropriará daquilo que está entalhado num “eu-cultura-identilasticidade” de modo marchetado. Não há forças nesse jogo das elastidentidades que possam ser cravadas numa identilasticidade, porque um “eu” não pode participar de todos os eventos e circunstâncias que foram sopradas pelos recantos de uma convivência familiar, parental, comunitária e social.

Isto posto, que a ideia de infinito e de totalidade conceituados por Lévinas (1961) é o que nos permite transcender as limitações do conhecimento e da experiência. O infinito se manifesta na relação ao outro, em que a subjetividade é acolhida e se torna um espaço de hospitalidade. Certamente abre o entendimento de que os envolvimento com outras identilasticidades precisam romper com a ideia de consumo para uma percepção de hospitalidade desse outro que se apresenta a um “eu” com diversas identilasticidades, numa relação posta, o campo de elastidentidade será de relação que deva ressaltar e ser destaque como acolhimento do que é diferente de si. Essa perspectiva abre espaço para uma ética que não se limita a normas e regras, mas que é dinâmica e responsiva às demandas do outro.

CONSIDERAÇÕES Finais

Assim, posso chegar ao final desse texto e deixar escorrer por entre os dedos muitos conceitos que devem ser invocados, em momentos outros, para consumir

entendimentos que ainda as fronteiras não acomodaram nessa discussão despreziosa sobre as identilasticidades.

Todavia, fica o entendimento de que as identilasticidades são possibilidades éticas para que um indivíduo possa dar a si um novo modo de viver em uma sociedade que tantos apelos faz ao sujeito. Ora impondo modos de ser, ora apontando o que é correto do ponto de vista de uma identidade. A questão é que elementos da cultura povoa os pensamentos de todas as formas. Isso o “eu” não pode usar pois fere a outra cultura, ou é apropriação cultural. Entendo que mais do que isso, a alteridade movida por um rosto que se impõe diante de mim tem muito mais urgência que um pode ou não pode.

As hibridizações culturais e as identilasticidades são resultados das relações urgentes e inevitáveis na contemporaneidade. Não é um salve quem puder, mas um aprenda a olhar o outro pelo rosto que me conduz a perceber que existe mais do outro do que aquilo que se limita num ornamento, indumentária, vestimenta, instrumento etc. Por fim, as nossas identilasticidades serão sempre chacoalhadas pelas elastidentidades que são formas urgentes de um apelo ético. É um não olhar pelas materialidades culturais e identitárias, mas um olhar pela alteridade que “me” faz compreender e ser morada para o outro e o outro ser morada para o “eu”. Isso só é possível porque as identilasticidades são movimentos constantes e significações que se operam no infinito do rosto do outro.

42

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Vida em Fragmentos: sobre ética pós-moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- Foucault, M. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Editora Martins Fontes. (2000)
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JITSUMORI, Carlos Igor de Oliveira; NOLASCO, Edgar César. Das identidades para as 25 identilasticidades: uma perspectiva outra do pensar e saber descolonial. In: JITSUMORI, Carlos Igor de Oliveira; NOLASCO, Edgar César; VALE, Fábio

(Orgs.). *Pedagogias e Práticas Educacionais: ancoragens político-descoloniais contemporâneas*. Campo Grande, MS: Editora Ecodidática, 2022, p. 28-41.

JITSUMORI, Carlos Igor de Oliveira. Da (DES)TEORIZAÇÃO do pensar as identidades: a um anseio de teorizar nas identilasticidades. *Cadernos de Estudos Culturais: Teorização Descolonial*, v.1, n. 27, 2022, p. 09-25.

Lévinas, Emmanuel. *Totalidade e Infinito: ensaio sobre a exterioridade*. 1961.

Lévinas, Emmanuel. *Ética e Infinito*. 1982.

Lévinas, Emmanuel. *Entre Nós: ensaios sobre alteridade*. 1991.

MIGNOLO, Walter. *Histórias Locais, Projetos Globais: Colonialidade, Saberes Subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

Artigo recebido em: 28 de junho de 2024.

Artigo Aprovado em: 21 de setembro de 2024.